

## sete variações de improviso sobre o mote:

*“Cardar nuvem e fazer tecido de vento: a poesia é dar de comer ao imaterial”*

### seven improvised variations on the motto:

*“Card cloud and make cloth of wind: poetry is feeding the immaterial”*

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v4on84p19-24>

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

*Como um diálogo com Bené Fonteles, Alik Wunder, Alda Romaguera e João Arruda*

*O número que vem depois do infinito é o 1.  
Melito – Helena, de Isócrates  
em: Paidéia – a formação do homem grego,  
página 192*

### ***a primeira***

Como vem quem ninguém espera aquele dia.  
Como a criança que aprende a falar antes da hora.  
Como o bêbado que enquanto cai canta às estrelas  
e com deus conversa quando dorme.  
Como a palavra “já” num livro de alquimia.  
Como o que desenha na areia a onda que se acaba.  
Como a flor que apressa no inverno a primavera.  
Como a visita que aparece antes da festa.

Como o bordado entre as mãos da tecelã.  
Como a gota d’água pingando sobre a pia.  
Como a resposta que responde sem pergunta.

sete variações de improviso sobre o mote: “Cardar nuvem e fazer tecido de vento...”

Como a palavra “sim” da moça que se casa  
e o silêncio da irmã que espera ainda.  
Como em Goiás o voo de uma arara.  
Como o pintor que pinta e apaga a tela.  
Como um anteontem com cara de amanhã.  
Como a menina que sonha quando acorda.  
Como antes da nuvem escura a clara chuva.  
Como quem não esquece e da janela espia.

Como quem acha na rua a joia rara.  
Como que já houve e revive, e se revela,  
a poesia é o que desperta quem não dorme  
e é a peregrina que chegou e ainda caminha  
e o homem sábio que cala o que ele inventa.

Como frente ao quadro-negro a professora  
relembra quando aprendeu o “a-bê-cê”.  
Como retece o bordado a bordadeira  
e contempla o que bordou e apaga a vela  
a poesia carda a nuvem e borda o vento  
e mata a fome do que é aura e é alma.

Ela chega sem falar, e no silêncio se trama  
Como quem chega se cala e escuta o som  
do que foi silêncio e agora é a fala  
que ela tinge e tece como quem ensaia  
o bordado do eterno de um momento.

Fora do tempo, a poesia é sempre agora  
como a folha branca em que eu embaixo assino  
o que imagino ser meu este poema  
que ela escreveu e calou, e abriu a porta.  
E, peregrina, em silêncio foi embora.

**a segunda**

*Diáfana como um véu a folha cai*  
*Eugenio Montale*

Na Galícia a palavra “bruma” é dita “brêtema”.  
E serena essa palavra me visita agora,  
como um sussurro, como um sim, ou como um sopro  
ela chega quando, menos do que brisa e o dia  
vem a aragem de maio ao homem que ara o campo  
e mal abre os lábios para entoar um canto  
enquanto sulca a terra a lentos passos  
e espera pela noite, mesa posta e a vela acesa  
sem saber que semeou trigo e poesia.

Serena a palavra vem, como o “amem”,  
quando é com os dedos da mão que diz a prece  
o velho monge que as frases da oração esquece.  
Como a palavra “amor” que a mãe não diz  
enquanto pela casa ensaia o amor em cada gesto.  
Serena como no fim da prece, vestida de preto  
a mulher murmura “amem”, que um deus escute.  
Serena, como leve como um véu a folha cai”.

Como o sono da criança e o “om” da Índia  
a palavra chega ontem na porta do poema,  
como quem vem de viagem, e não de longe  
mas de um lugar fundo, um mar, um poço,  
lá onde sob as águas fundas da memória  
adormecem os fonemas e as palavras  
à espera que alguém sussurre e diga:  
“eu vim de lá, e cheguei: sou poesia”

sete variações de improviso sobre o mote: “Cardar nuvem e fazer tecido de vento...”

### **a terceira**

Serena ela me vem, e amiga  
murmura rimas: “pena”, “amena”  
E o ser de segredo me convida  
a apenas ser, sem mais, sereno  
como agora é cinza o que foi fogo.  
Como é agora brisa o que foi vento

### **a quarta**

Velho, mas ainda sem bengala,  
caminheiro entre trilhas e montanhas  
não sou como Drummond, mineiro.  
Não luto com a tribo das palavras  
nem busco decifrar o seu segredo.  
O seu rumor me basta, e em seu silêncio  
acendo um brando fogo na lareira.  
Abro a porta da casa de quem era  
e espero o pôr-do-sol, a quietude  
de quando já e a noite e é o dia ainda.  
A hora “entre”, o voo da avezinha  
que voa e volta ao ninho onde se aninha.

Como um pastor acolho o meu rebanho  
de letras, fonemas, sons e esquecimento  
e entre palavras imagino que adormeço.  
A palavra serena, a que diz “flor”, ou “fada”  
é de um jardim onde semeio e me floresço  
como quem carda nuvem e tece o vento  
e reparte o pão com o cego que na porta  
canta palavras como “alma” e “aurora”  
e cala e se vai. E é madrugada agora.

**a quinta**

A poesia não se escreve.  
Ela se traceja no que borda.  
Tecedeira, peregrina e viajante  
que vem de onde não importa  
e chega e entra em tua casa adentro  
sem limpar no tapete os pés da lama,  
sem dizer o nome, ou um “bom-dia”  
e sem bater duas vezes na tua porta.  
Bebe o teu vinho, toma a tua sopa.  
Rabisca a mão na parede o teu poema  
toma o bastão, põe o chapéu e vai embora.

Relógio sem ponteiros, sem minutos,  
além do tempo a poesia é sempre um já  
é o que resta de tudo o que se esquece,  
e é um só sopro, e é um sempre agora.

Fiandeira da entre-trama das palavras  
com a cor do som a poesia se colore  
e na tela em branco do pano do poeta  
ela se fia, se borda e se entretece.

**a sexta**

Queres a poesia? Ouve o silêncio!  
Aprende a ver o passar do vento.  
Fora do tempo a poesia é sempre agora.  
Fiandeira grega que durante a noite  
desfaz a trama que teceu de dia.

sete variações de improviso sobre o mote: “Cardar nuvem e fazer tecido de vento...”

### **a sétima**

Lavar sem arado e sem semente.  
Sentir sem o corpo do sentente.  
Bordar sem o pano e sem a linha.  
Espreitar na janela quem não chega.  
Conversar com alguém quando sozinha.  
Silenciar quem é, por um momento.  
Escutar o som do voo da avezinha  
e ouvir o cantar da voz do vento  
na palavra sonora do silêncio  
que dá um corpo ao ser da alma  
e quando fala faz parar o tempo.

A poesia é o dizer antes da fala.  
A poesia é sempre o outro lado.  
O poeta é quem cria quando cala  
e o poema é o lado avesso do bordado.

### **Outono de 2021**